

RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROJETO “A HISTÓRIA EM 60 MINUTOS – TEMPORADA III”

Experience report of the project “The Story in 60 Minutes – Season III”

Sâmela Rebeca de Oliveira Silva²⁰

Resumo: Este trabalho, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa "Sujeito Implicado – História, Ficção, Ação", teve como objetivo a produção de uma série de dezenove entrevistas gravadas com historiadores e historiadoras, com foco principal na discussão do contexto atual da ciência histórica e da profissão de historiador no Brasil, em celebração aos 50 anos do curso de História no CERES/UFRN. Os entrevistados incluíram professores, ex-professores e egressos do curso que atuam em diversas instituições do país na área de História. As entrevistas, com duração de 60 minutos cada, foram acompanhadas pela criação de materiais de divulgação, como *cards* promocionais e um *teaser* audiovisual de 1 minuto, visando promover a série nas redes sociais, especialmente no Instagram e YouTube do projeto. Essa iniciativa é continuidade de experiências iniciadas em 2022, quando o uso de transmissões ao vivo e materiais audiovisuais se intensificou devido à pandemia de COVID-19, impactando a educação entre 2020 e 2021. Além disso, fatores como o cenário político e social brasileiro da última década, a expansão dos campos de História Pública e História Digital e o reconhecimento oficial da profissão de historiador contribuíram para a motivação e justificativa do projeto. Desse modo, o trabalho também buscou fomentar o uso da linguagem audiovisual na divulgação científica, avaliando o formato das entrevistas e os diferentes públicos ao longo de sua execução. Outro objetivo foi a apresentação de uma visão ampla sobre as perspectivas dos profissionais de História acerca das questões centrais da área no século XXI. As entrevistas foram transmitidas pelo canal "Sujeito Implicado – Laboratório e Acervo" no YouTube e no Spotify. Além disso, foi criado um grupo de discussão com o público interessado, que se reuniu mensalmente para analisar os conteúdos abordados nas entrevistas.

Palavras-chave: Divulgação Científica. História Pública. História Digital.

Abstract: This work, developed by the Research Group "Implicated Subject - History, Fiction, Action", aimed to produce a series of nineteen recorded interviews with historians, with a main focus on discussing the current context of historical science and

²⁰ Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN – CERES) e Mestranda em História dos Sertões na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN – CERES). Participação no Projeto de Extensão intitulado “A História em 60 Minutos” e em Projeto de Pesquisa intitulado “Por uma erótica da história: (in)visibilidade, silêncio e posição do sujeito na história da historiografia brasileira – o caso dos estudos sobre os sertões (séculos XX-XXI)”. PIBIC UFRN (IC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0851643922939834>. E-mail: rebeca.oliveira.017@ufrn.edu.br.



the historian profession in Brazil, in celebration of the 50th anniversary of the History course at CERES/UFRN. The interviewees included professors, former professors and graduates of the course who work in various institutions in the country in the area of History. The interviews, lasting 60 minutes each, were accompanied by the creation of promotional materials, such as promotional cards and a 1-minute audiovisual teaser, aiming to promote the series on social media, especially on the project's Instagram and YouTube. This initiative is a continuation of experiences that began in 2022, when the use of live broadcasts and audiovisual materials intensified due to the COVID-19 pandemic and its impact on education between 2020 and 2021. In addition, factors such as the Brazilian political and social scenario of the last decade, the expansion of the fields of Public History and Digital History, and the official recognition of the historian profession contributed to the motivation and justification of the project. In this way, the work also sought to promote the use of audiovisual language in scientific dissemination, evaluating the format of the interviews and the different audiences throughout their execution. Another objective was to present a broad view of the perspectives of History professionals on the central issues of the field in the 21st century. The interviews were broadcast on the "Sujeito Implicado – Laboratório e Acervo" channel on YouTube and Spotify. In addition, a discussion group was created with the interested public, which met monthly to analyze the content covered in the interviews.

Keywords: Scientific Dissemination. Public History. Digital History.

Justificativa

A pandemia de COVID-19 impôs uma série de novos desafios às instituições de ensino superior, obrigando a Universidade a se reinventar em suas práticas pedagógicas, comunicacionais e científicas. Nesse cenário de crise sanitária e isolamento social, tornou-se imperativo desenvolver estratégias que garantissem não apenas a continuidade das atividades acadêmicas, mas também a manutenção do vínculo da Universidade com a sociedade. Entre essas estratégias, destacou-se o uso intensivo de recursos audiovisuais, que se consolidaram como ferramentas fundamentais de mediação do conhecimento.

Dessa forma, a adoção de plataformas digitais e redes sociais como espaços de produção e circulação de conteúdos acadêmicos representou uma virada significativa. Lives, vídeos educativos, debates *online* e *webinários*, por exemplo, deixaram de ser formatos periféricos e passaram a ocupar um lugar central na política de comunicação institucional e nas práticas de ensino e extensão. Essa reconfiguração, impulsionada

pelas restrições impostas pela pandemia, não apenas respondeu a uma urgência momentânea, mas também evidenciou um movimento mais amplo de transformação digital das universidades públicas brasileiras. A relevância da produção audiovisual nesse contexto vai além da mera adaptação técnica. Ela revela uma mudança de paradigma quanto à forma de construir e socializar saberes acadêmicos. E, ao romper barreiras físicas e institucionais, o audiovisual ampliou o acesso ao conhecimento, atingindo públicos diversos – inclusive aqueles que tradicionalmente se encontravam à margem dos circuitos formais da educação superior. Essa democratização do saber contribuiu para a promoção da equidade educacional, da cidadania crítica e da valorização da ciência como patrimônio coletivo.

Particularmente nas áreas das Ciências Humanas e da História, a linguagem audiovisual demonstrou ser especialmente eficaz para aproximar o discurso acadêmico da sociedade civil. Ao aliar clareza, criatividade e elementos visuais, permitiu tornar temas complexos mais compreensíveis e interessantes, favorecendo o diálogo entre especialistas e públicos leigos. Além disso, a possibilidade de interação em tempo real – por meio de comentários, curtidas e compartilhamentos – fortaleceu a dimensão dialógica e participativa da comunicação científica, promovendo a escuta ativa e a construção coletiva de saberes. Nesse sentido, a produção de vídeos e transmissões ao vivo, ao ser incorporada às rotinas acadêmicas, não apenas supriu lacunas emergenciais de comunicação e ensino durante a pandemia, mas também gerou um acervo documental de grande valor. Os registros audiovisuais produzidos nesse período passaram a funcionar como memória viva das ações universitárias, servindo de referência para pesquisas futuras, apoio ao ensino e preservação do patrimônio intelectual das instituições. Trata-se, portanto, de um legado que transcende o contexto pandêmico, oferecendo novas possibilidades para a difusão e valorização do conhecimento.

Com o retorno das atividades presenciais, essas práticas não foram abandonadas, mas sim ressignificadas. Projetos de extensão, ações culturais e eventos



científicos continuam utilizando o audiovisual como meio de engajamento e formação, reconhecendo seu potencial enquanto linguagem transversal, inclusiva e mobilizadora. Assim, justifica-se não apenas a manutenção dessas iniciativas, mas o seu fortalecimento, por meio de políticas institucionais que incentivem a produção crítica e criativa de conteúdos digitais. Nesse contexto, a centralidade adquirida pelos recursos audiovisuais durante a pandemia revelou-se uma oportunidade de transformação estrutural na forma como a Universidade se comunica, ensina, pesquisa e se relaciona com o mundo. E apostar na continuidade dessas práticas significa apostar em uma universidade mais aberta, plural, democrática e sintonizada com os desafios contemporâneos de comunicação e acesso ao conhecimento.

Fundamentação teórica

O século XX inaugura um período de transformações estruturais na produção, circulação e recepção de informações, especialmente a partir da consolidação das mídias audiovisuais – cinema, televisão e, mais recentemente, a Internet. Essas transformações não apenas modificaram os modos de comunicação, mas alteraram profundamente as formas de percepção da realidade e de vivência do tempo histórico. Guy Debord (1997), em *A Sociedade do Espetáculo*, comprehende esse processo como a substituição da experiência direta por uma mediação imagética contínua, na qual “tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação”. O espetáculo, segundo ele, não é apenas um conjunto de imagens, mas uma relação social mediada por imagens. Nesse contexto, o audiovisual não apenas registra o mundo, mas participa ativamente de sua construção simbólica.

Essas mudanças no regime de visibilidade também impactaram o campo da historiografia. A emergência de novos suportes e linguagens para narrar o passado – como o cinema e, posteriormente, as mídias digitais – deslocou as fronteiras tradicionais da disciplina histórica. Robert Rosenstone (2006), um dos principais teóricos do chamado “campo da história e cinema”, argumenta que o filme histórico constitui uma forma válida de conhecimento histórico, embora se baseie em códigos

narrativos distintos daqueles da história escrita acadêmica. Para Rosenstone, o audiovisual, ao combinar imagem, som, montagem e dramatização, produz sentidos históricos capazes de provocar reflexões, gerar empatia e criar vínculos emocionais com o passado, o que pode enriquecer a formação da consciência histórica.

A crítica tradicional à legitimidade do audiovisual como veículo historiográfico se baseava na ideia de que a História deveria manter-se como um discurso científico, baseado em provas documentais, rigor metodológico e imparcialidade narrativa. No entanto, a partir das contribuições de Hayden White (1995), essas fronteiras começaram a ser questionadas. Em obras como *Meta-História*, White argumenta que toda escrita da História é uma construção narrativa e, como tal, está atravessada por escolhas estéticas, éticas e ideológicas. O historiador, ao construir um enredo sobre o passado, escolhe estruturas narrativas (tragédia, comédia, romance, sátira) que moldam os significados históricos. Portanto, não há neutralidade absoluta, mas sim interpretações organizadas conforme determinados modelos retóricos. Essa concepção abre caminho para pensar o audiovisual como mais uma entre as várias formas possíveis de construção da narrativa histórica.

Autores como Jörn Rüsen (2001) e Michel de Certeau (1982) ampliam ainda mais a compreensão da História como uma prática cultural inserida em disputas simbólicas. Rüsen propõe uma teoria da História que considera suas funções cognitivas, identitárias e didáticas. E, segundo ele, a História permite aos indivíduos e coletividades organizar experiências no tempo, construindo uma consciência histórica que articula passado, presente e futuro. Para tanto, é preciso interpretar os vestígios do passado de modo a produzir sentido para o presente. Nesse processo, as formas narrativas (inclusive as audiovisuais) tornam-se essenciais. Michel de Certeau, por sua vez, enfatiza que a escrita da História é uma prática discursiva que intervém no presente. Em *A escrita da História* (1982), ele mostra como a historiografia está situada em um campo de produção de sentidos, onde se disputam versões do passado

e, consequentemente, projetos de futuro. Assim, ao falar do passado, o historiador também atua politicamente no presente.

Na contemporaneidade, as mídias digitais complexificam ainda mais esse cenário. A Internet, ao promover a interatividade e a descentralização da produção cultural, reconfigura o papel dos historiadores e dos educadores. Henry Jenkins (2009), em sua obra *Cultura da Convergência*, descreve como os meios de comunicação não operam mais de forma isolada, mas se articulam em um ecossistema midiático no qual os consumidores também são produtores de conteúdo. Essa lógica participativa desafia os modelos tradicionais de autoridade intelectual e demanda do historiador novas formas de mediação com os públicos, de modo que o conhecimento histórico passa a circular em memes, vídeos, séries, podcasts e redes sociais, muitas vezes fora das instituições tradicionais de ensino e pesquisa.

Nesse aspecto, a pandemia da COVID-19, iniciada em 2020, acelerou esse processo de digitalização das práticas educativas e culturais, trazendo à tona o papel dos chamados “intelectuais mediadores”, conceito trabalhado por Bernard Charlot (2000). Esses sujeitos atuam na interseção entre o saber especializado e a comunicação social, desempenhando funções pedagógicas, políticas e culturais. A mediação intelectual, nesse sentido, não é apenas uma tarefa de tradução, mas também de problematização e democratização do saber. Durante o isolamento social, iniciativas como canais universitários, documentários independentes e *lives* passaram a desempenhar funções fundamentais de divulgação científica e produção de memória coletiva, revelando o potencial do audiovisual como ferramenta de engajamento histórico.

Refletir sobre o papel do audiovisual na produção e ensino da História, portanto, exige uma abordagem interdisciplinar que articule história, comunicação, educação, estética e política. É necessário compreender como as formas audiovisuais operam, quais seus regimes de visibilidade, suas estratégias narrativas, suas formas de recepção e os contextos socioculturais nos quais estão inseridas. Questões como

autoria, ficcionalização, disputa de memórias e políticas de representação tornam-se centrais para a análise crítica da produção histórica audiovisual. Em um cenário marcado pela intensificação das disputas por memória, pelo negacionismo histórico e pela fragmentação das esferas públicas, pensar o audiovisual como prática historiográfica e educativa é, acima de tudo, um compromisso ético com a pluralidade de vozes, com a justiça social e com a ampliação dos horizontes de consciência histórica.

Metodologia

A metodologia adotada no projeto foi estruturada em cinco etapas sequenciais e integradas: **pré-produção, produção, pós-produção, divulgação e monitoramento**. Cada uma dessas fases foi planejada para garantir a qualidade técnica e pedagógica do conteúdo, bem como o alcance e a recepção junto ao público-alvo. A seguir, descrevemos em detalhes cada etapa:

A fase da pré-produção foi dedicada ao planejamento geral do projeto e à preparação das entrevistas. As principais atividades incluíram:

- **Seleção temática:** definiu-se o foco do ciclo de entrevistas na história do Brasil do século XIX, com ênfase em debates historiográficos atuais;
- **Identificação e convite dos participantes:** foram mapeados especialistas com atuação relevante na área, tanto do meio acadêmico quanto da pesquisa aplicada;
- **Elaboração dos roteiros:** cada entrevista teve um roteiro prévio elaborado com base na temática e no perfil do(a) convidado(a), buscando alinhar linguagem acessível e rigor acadêmico;
- **Aprovação institucional:** O projeto foi submetido à Pró-Reitoria de Extensão (PROEX/UFRN) com detalhamento de objetivos, cronograma e equipe envolvida.

Na fase da produção, concentraram-se os esforços na realização das entrevistas:

- **Agendamento das gravações:** as entrevistas foram marcadas com antecedência, respeitando a disponibilidade dos convidados e da equipe técnica;
- **Pré-entrevistas:** realizou-se um breve encontro *online* com cada participante antes da gravação, com o objetivo de alinhar expectativas, revisar o roteiro e ajustar detalhes técnicos;
- **Gravação:** as entrevistas foram realizadas remotamente, com uso da plataforma StreamYard, que permitiu a gravação em alta qualidade e o controle de *layout* visual.

Após as gravações, iniciou-se a fase de tratamento do material bruto:

- **Edição de vídeo:** as entrevistas passaram por um processo de edição que incluiu cortes técnicos, inserção de vinhetas, legendas e elementos gráficos padronizados;
- **Armazenamento e organização do acervo:** todos os arquivos foram devidamente catalogados e armazenados em nuvem, assegurando fácil acesso e segurança.

Com foco na ampliação do alcance e engajamento com o público, a divulgação foi conduzida com base em uma estratégia multiplataforma:

- **Criação de materiais gráficos e audiovisuais:** *cards* informativos, vídeos curtos (*reels*), *teasers* e chamadas em vídeo foram produzidos para as redes sociais;
- **Publicação nas redes sociais:** a conta do projeto no Instagram foi o principal canal de engajamento, somando-se aos canais no YouTube do Departamento de História e do PPGH-CERES/UFRN;

- **Lançamento sequencial das entrevistas:** os episódios foram lançados semanalmente, sempre às terças-feiras, às 13h30, entre 20 de agosto e 24 de dezembro de 2024, garantindo uma cadência regular de conteúdo.

Para acompanhar o desempenho do projeto e realizar ajustes ao longo de sua execução, foram adotadas as seguintes práticas:

- **Reuniões mensais da equipe:** a equipe se reuniu periodicamente para avaliar o alcance das entrevistas, engajamento nas redes, comentários do público e *feedbacks* recebidos;
- **Análise de métricas:** foram analisados dados como número de visualizações, curtidas, comentários e compartilhamentos, especialmente no YouTube e Instagram;
- **Testagem com diferentes públicos:** o conteúdo foi compartilhado com grupos de estudantes e docentes do curso de História para observar a recepção e levantar sugestões de melhoria.

Conclusão

As transformações provocadas pela pandemia de COVID-19 nas práticas acadêmicas e comunicacionais da Universidade deixaram marcas profundas e, em muitos aspectos, irreversíveis. Diante do isolamento social e da suspensão das atividades presenciais, a Universidade foi desafiada a reinventar suas formas de ensinar, pesquisar, divulgar e dialogar com a sociedade. Nesse processo, a produção e difusão de conteúdos audiovisuais emergiram não apenas como soluções técnicas para a continuidade das atividades, mas como estratégias estruturantes de uma nova lógica de atuação universitária, mais aberta, interativa e acessível.

O uso intensivo das mídias digitais e das redes sociais ampliou significativamente o alcance das ações universitárias, permitindo que públicos historicamente excluídos das dinâmicas acadêmicas pudessem acessar e participar dos

saberes produzidos. Desse modo, a apropriação das ferramentas audiovisuais contribuiu, portanto, para a democratização do conhecimento, rompendo barreiras geográficas, sociais e comunicacionais, e estabelecendo pontes entre a universidade e diferentes comunidades.

Nas Ciências Humanas e na História, especialmente, esse movimento teve impacto formativo e político. A utilização de vídeos, *lives* e outras linguagens digitais permitiu a aproximação com o público em geral, desmistificando o trabalho do historiador, valorizando a produção científica e reafirmando a importância do pensamento crítico em tempos de crise. Além disso, o diálogo direto com o público – possibilitado pelos comentários, curtidas e compartilhamentos – evidenciou um novo modo de fazer ciência: mais colaborativo, responsável e sensível às demandas sociais.

Outro aspecto de grande relevância diz respeito à constituição de acervos audiovisuais durante o período pandêmico. Esses materiais não apenas cumpriram funções didáticas no presente, como também passaram a compor um importante patrimônio documental, com potencial de ser reutilizado e ressignificado em diferentes contextos e temporalidades. Assim, consolidou-se um legado que ultrapassa a emergência da crise sanitária, oferecendo novas possibilidades para a educação, a pesquisa e a preservação da memória institucional.

Nesse sentido, com o retorno das atividades presenciais, a permanência e o fortalecimento dessas práticas tornam-se não apenas desejáveis, mas necessárias. A experiência vivida revelou que o audiovisual, longe de ser um recurso transitório, constitui uma linguagem potente para a formação crítica e cidadã. Projetos de extensão, ações de divulgação científica e iniciativas pedagógicas que incorporam esses recursos contribuem para uma universidade mais plural, inclusiva e conectada com os desafios contemporâneos.

Dessa forma, a continuidade da produção audiovisual no ambiente universitário deve ser compreendida como parte de uma política institucional de valorização do

conhecimento como bem público, do acesso como direito e da comunicação como dimensão essencial da vida acadêmica. Em um mundo cada vez mais atravessado por disputas narrativas e desinformação, apostar na força do audiovisual é também afirmar o compromisso ético e social da Universidade com a transformação da realidade.

Referências

ÁVILA, Arthur Lima de; NICOLAZZI, Fernando; TURIN, Rodrigo (orgs.). A história indisciplinada: teoria, ensino e difusão do conhecimento histórico. Vitória: **Editora Milfontes**, 2019.

FERREIRA, Marieta de Moraes Ferreira; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (coord.). Dicionário de ensino de história. Rio de Janeiro: **FGV Editora**, 2019.

GOMES, Angela de Castro. O lugar dos “Intelectuais mediadores”: entrevista com a Angela de Castro Gomes. Entrevistadores: Bruno Leal Pastor de Carvalho e Ana Paula Tavares Teixeira. *In: Café História*. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/intelectuais-mediadores-entrevista-angela-de-castro-gomes/>. Publicado em: 31 ago. 2020. ISSN: 2674-5917.

LUCCHESI, Anita. Conversas na antessala da academia: o presente, a oralidade e a história pública digital. **HISTÓRIA ORAL**, v. 17, p. 39-69, 2014.

MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (org.). História Pública no Brasil: sentidos e itinerários. São Paulo: **Letra e Voz**, 2016.

RÜSEN, Jörn. Teoria da história: uma teoria da história como ciência. Tradução de Estevão C. de Rezende Martins. Curitiba: **Editora UFPR**, 2015.

SILVEIRA, Pedro Telles da. Lembrar e esquecer na internet: Memória, mídias digitais e a temporalidade do perdão na esfera pública contemporânea. **VARIA HISTÓRIA** (UFMG. IMPRESSO), v. 37, p. 287-321, 2021.

WHITE, Hayden. O fardo da história. *In: Trópicos do discurso: ensaios de crítica da cultura*. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo; **Editora da Universidade de São Paulo**, 2001, p. 39-63.